

RESENHA DE UN CLÁSICO FUERA DE CASA – NUEVAS MIRADAS SOBRE MACHADO DE ASSIS

HERNÁNDEZ, Ascensión Rivas (Org.) *Un clásico fuera de casa – nuevas miradas sobre Machado de Assis*. Recife; Salamanca: Massangana; Centro de Estudios Brasileños de La Universidad de Salamanca, 2010. 172p.

Anatole France, em abril de 1909, menos de um ano depois da morte de Machado de Assis, proclamou-o "gênio latino". Na célebre Festa da Intelectualidade Brasileira, organizada por Oliveira Lima na Sorbonne, um dos escritores franceses de maior evidência naquele momento chamava a atenção dos representantes da civilização latina na Europa para a existência de um grande representante, no outro lado do mundo, dessa mesma civilização. Apesar da eminência dos presentes e da grande visibilidade do palco – era Paris, e era a Sorbonne –, a verdade é que o reconhecimento internacional de Machado de Assis ao longo do século XX deveu-se muito mais aos leitores e críticos anglo-americanos do que aos latinos.

Embora as primeiras traduções tenham sido feitas para o castelhano, com a publicação de *Memorias póstumas de Blas Cubas* e *Esaú y Jacob*, respectivamente em Montevideu e Buenos Aires ainda no período de vida do autor, a circulação da obra machadiana pelo mundo hispânico sempre foi muito restrita. Na Espanha, as primeiras traduções foram publicadas na década de 1980: as *Memórias póstumas* saíram em Madri em 1984, mesmo ano em que uma tradução de *Dom Casmurro*, originalmente publicada na Argentina na década de 1940, foi reeditada na capital espanhola. No que diz respeito à recepção crítica, raras são as notícias que chegam da Espanha.

Un clásico fuera de casa – nuevas miradas sobre Machado de Assis coletânea de ensaios organizada pela professora Ascensión Rivas Hernández, da Universidade de Salamanca, representa, portanto, um esforço notável e bem-vindo para reverter o que Antonio Maura, um dos colaboradores do volume, chamou de "ignorância histórica", referindo-se à relação dos espanhóis com a obra de Machado de Assis. Ainda que tenha sido publicado no Brasil pela Editora Massangana, com apoio do Ministério da Educação, o livro, com todos os ensaios em castelhano, pode ser uma oportunidade de

diminuir as distâncias, oferecendo também ao leitor espanhol a possibilidade de se atualizar nas discussões suscitadas pela obra machadiana.

O conjunto compõe-se de um prólogo e 11 ensaios, escritos por acadêmicos de lá e de cá, abrangendo os principais gêneros praticados por Machado de Assis, os temas e os procedimentos mais importantes, bem como os problemas e desafios historiográficos, críticos e teóricos que a obra machadiana colocou para a crítica desde seu aparecimento até hoje. A disposição dos ensaios ao longo do livro é exemplar, formando um conjunto equilibrado e representativo da produção principal do escritor. Assim, os primeiros textos oferecem uma abordagem mais geral e panorâmica sobre a obra; os ensaios seguintes aprofundam aspectos temáticos ou estilísticos, tratando dos vários gêneros – romance, conto, crônica, teatro e correspondência; e o livro termina com um exame da permanência do escritor e de sua obra no sistema literário brasileiro contemporâneo.

No ensaio de abertura, Domício Proença Filho, da Academia Brasileira de Letras, situa Machado de Assis no processo literário brasileiro, destacando o interesse universal da obra "altamente polissêmica" e centrada em "questões relacionadas, sobretudo, com a condição do homem". O ensaísta destaca também as contribuições de Machado para a modernização do romance e a criação do conto moderno. Além de examinar problemas literários e existenciais apresentados nos seus principais romances e contos pós-*Brás Cubas*, Proença chama a atenção para o tributo pago pela obra machadiana à tradição literária, sem perder de vista o que sua obra representa de ruptura com essa mesma tradição.

Ana Maria Machado, também da Academia, enfatiza o aspecto dialógico dos escritos machadianos, passando em revista suas várias dimensões e implicações: os diálogos presentes na ficção, indicativos do ouvido atento do escritor à linguagem falada no Brasil; o diálogo permanente com o leitor, personagem importante no conjunto da obra; o diálogo com outros autores, que confirma a observação de José Guilherme Merquior de que foi com Machado que as letras brasileiras começaram a dialogar com as vozes da literatura ocidental; o diálogo do autor consigo mesmo, por meio do trânsito de personagens e tipos pelos livros, bem como pela recorrência a alguns temas, tais como a ascensão social e a loucura. Por fim, considerando que a obra

de arte não nasce apenas da imaginação individual do seu criador, mas "do diálogo permanente com a tradição que o precedeu, com a cultura em que ela se insere e com a língua a que pertence", a autora faz indicações sobre o diálogo da obra machadiana com a posteridade, visíveis nas constantes revisitações da literatura, do cinema e do teatro à sua obra.

A primeira incursão num aspecto mais específico da obra é feita por Pedro Javier Pardo García, professor da Universidade de Salamanca e especialista na obra de Cervantes. Partindo dos conceitos de *romance autoconsciente*, proposto por Robert Alter, e de *metaficção*, cunhado por Linda Hutcheon, o ensaísta recria de maneira bastante organizada e didática a linhagem literária de Machado de Assis (principalmente o das *Memórias póstumas de Brás Cubas*) formada por Cervantes, Fielding, Diderot, Xavier de Maistre, Galdós e Carlyle. A tese, sempre polêmica e com longo histórico na crítica machadiana, é de que "com as *Memórias*, Machado de Assis coloca uma bomba antirrealista no coração do Realismo."

"Capitu: retrato de una Gioconda brasilenã", do já citado escritor e crítico Antonio Maura, professor na Universidade Complutense de Madri, procura reunir evidências de que Capitu resulta do esforço deliberado de construir um perfil de mulher que supere a Sofia de *Quincas Borba* (daí, segundo o autor do ensaio, a recusa de escrever outro romance em que a mulher de Palha comparecesse como personagem, alegando que a Sofia estava toda no livro de 1891). Esse esforço responderia à demanda, entre escritores e leitores do século XIX, de "criação de um personagem feminino que fosse também emblema da jovem nação americana". Com Capitu, Machado chegava a um grande resultado, criando, na opinião do autor, uma figura enigmática à altura da Mona Lisa de Leonardo da Vinci.

A tópica do olhar-se no espelho, de longa tradição na literatura, é examinada por Maria Isabel López Martínez em contos como "O espelho", "Teoria do medalhão", "Noite de almirante" e "Missa do galo". Tomado como lugar de bifurcação do ser que se contempla, e também das dissociações entre o eu e sua identidade oculta, entre o real e a imaginação, o espelho é visto como objeto ficcional que condensa algumas das questões fundamentais da obra machadiana, conduzindo a uma permanente reflexão sobre os limites entre realidade e ficção.

Essa liminaridade, presente também nas frequentes incursões da ficção machadiana pelo terreno do fantástico e do sonho, é estudada pela organizadora do volume, Ascensión Rivas. Em seu ensaio, os contos focalizados são "Mariana", "Uns braços" e "A chinela turca", e a conclusão é de que Machado afirmaria com sua obra a superioridade da ficção sobre a realidade. A ideia está condensada na epígrafe precisa, recolhida de uma crônica da série *A Semana*: "A realidade é o luto do mundo; o sonho é a gala."

Os limites entre razão e loucura fornecem os termos para a aproximação de Machado de Assis e Miguel de Unamuno, proposta pela professora Begoña Alonso Monedero, que estuda o modo como os dois escritores satirizam o cientificismo e o positivismo respectivamente em "O alienista" (1882) e *Amor y pedagogia* (1902). Ressaltando que Unamuno foi um dos leitores precoces de Machado na Espanha, guardando em sua biblioteca um exemplar anotado de *Dom Casmurro*, o estudo comparativo expõe afinidades entre o carioca e o ex-reitor da Universidade de Salamanca. Para a autora, ambos, céticos diante das certezas absolutas professadas pelo cientificismo, recorreram à sátira como forma de superação dos modelos deterministas e positivistas que estiveram na base do realismo dominante na transição do século XIX para o XX.

Os três ensaios seguintes tratam da produção de Machado em três gêneros que, talvez pela monumentalidade da produção romanesca e contística, foram por muito tempo negligenciados, considerados "menores": o teatro, a crônica e a correspondência.

Carlos Paulo Martínez Pereiro, da Universidade da Coruña, na Galiza, faz um apanhado da produção teatral, a partir do célebre julgamento de Quintino Bocaiuva de que as peças de Machado eram mais para ser lidas do que encenadas. Examinando as discussões que derivaram daí, Martínez Pereira sugere que, mais importante do que se definir pela literariedade ou dramaticidade, há nessa produção um questionamento implícito sobre os limites entre o literário e o teatral. Com isso, mostra que a produção machadiana no terreno dramático também nos coloca diante da instabilidade das fronteiras entre os gêneros, algo que Machado deliberadamente praticou e sobre o qual refletiu – e fez refletir – em sua ficção.

Outro gênero híbrido, a crônica, é o assunto de Javier Sánchez Zapatero, da Universidade de Salamanca. Enfatizando a posição de observador das contradições visíveis na modernização do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, Sánchez Zapatero postula a universalidade da crônica machadiana ao defender que Machado seria capaz, mesmo quando trata de assuntos locais, de transportar qualquer leitor a uma terra estranha, fazendo-o sentir em casa.

Marcos Antonio de Moraes, professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, trata da correspondência de Machado de Assis. Conhecedor das convenções e dos meandros do gênero epistolográfico, Marcos Moraes faz uma leitura cruzada das entradas de diário que constituem o *Memorial de Aires* com as cartas escritas pelo escritor nos últimos anos de vida. Nessas "encenações epistolares da decrepitude", o ensaísta entrevê um escritor que, no limiar da morte, baixa a guarda e dá testemunho de si e dos seus processos de criação.

O volume se fecha com um ensaio sobre a recepção literária de Machado de Assis e sua influência póstuma no campo literário brasileiro. Carmen Villarino Pardo, professora da Universidade de Santiago de Compostela, examina o caso da antologia de contos *Missa do galo – variações sobre o mesmo tema* (1977). O volume, organizado por Osman Lins, reúne contos encomendados a dez escritores, que recriaram a narrativa machadiana a partir de diversos pontos de vista. Sem entrar no mérito da qualidade dos textos produzidos, Carmen Villarino interessa-se pelo projeto de reescrita como sintoma das transformações do campo literário brasileiro na década de 1970, e também das estratégias de legitimação da atividade literária num momento de repressão política e de relativa estagnação da produção cultural.

Como se vê, o livro tem abrangência e envergadura e, mesmo diante da diversidade das contribuições, inerente a um projeto coletivo desta natureza, é possível delinear o Machado de Assis que está sendo (re)apresentado ao leitor de língua espanhola, bem como as "nuevas miradas" anunciadas pelo subtítulo. No conjunto, a ênfase recai sobre as relações intertextuais entre a obra de Machado e a de outros autores do Ocidente (Sterne, Diderot, Musset, Fielding, Cervantes, Unamuno). Como decorrência dessa perspectiva comparativa, discute-se o realismo machadiano, que a

maioria dos ensaístas problematiza ou nega, de modo a acentuar os traços universais ou universalizantes do escritor.

Hélio de Seixas Guimarães
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Hélio de Seixas Guimarães é professor na Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq; autor de *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19* e *A olhos vistos: uma iconografia de Machado de Assis*, entre outros. E-mail: hsg@usp.br